

**DA ÁGORA AO INDIVÍDUO:
O CORPO E CIDADE N'A HORA DA ESTRELA**

Arrovani Luiz Fonseca¹

Cleberon Dias²

Resumo O objetivo central dessa apresentação é realizar uma leitura d'*A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector publicada em 1977, pouco antes de a autora ser acometida por um câncer de intestino. Atentamos nessa leitura para a relação do corpo com a cidade na relatada história de Macabéa, alagoana, datilógrafa, bucólica, ingênua e sonhadora, menina-moça recém-chegada à cidade do Rio de Janeiro. O fio condutor da obra dá-se pela descrição da personagem através de Rodrigo S.M. (na verdade Clarice) que num momento de flash ao caminhar pela urbe encontra a personagem que passa descrever, procurando compreender a existência de um ser tão despossuído de si mesmo. Observamos aproximações possíveis com a obra do filósofo frankfurtiano Walter Benjamin quando este, ao se debruçar na Paris do século XIX, sobre as lentes poéticas de Baudelaire, procura compreender em meio às imagens da multidão o detrimento das experiências (Erfahrung) do indivíduo e a elevação do grau das vivências (Erlebnis), ou seja, a redução do poder de transmitir uma experiência vivida. Isso se aproxima do dilema da personagem perdida feito uma “cadela vadia (...) teleguiada por si mesma”, com receio de saber sobre a sua identidade em meio ao cenário da cidade.

¹ Arrovani Luiz Fonseca é doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e-mail: arrovani@uol.com.br.

² Cleberon Dias é mestrando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e-mail: clefuncional@gmail.com.

I – INTRODUÇÃO

1. “CADELA VADIA (...) TELEGUIADA POR SI MESMA”: O ENREDO DE UMA ESTRELA

O texto literário é uma obra de arte e, como tal influencia o desenvolvimento e a análise que a humanidade faz de si mesma. Ele universaliza os conflitos e sentimentos próprios do crescimento pessoal e da nossa compreensão do mundo, porque liberta e transforma o leitor. Daí o desejo de discutir a significação do texto literário e os elementos que lhe são fundamentais e da sua importância para a compreensão da relação entre a identidade e a cidade. Fazê-lo por meio da obra de Clarice Lispector está longe de ser algo simples.

No início d’*A Hora da Estrela* obra, já nas primeiras linhas, Rodrigo S. M.³, um escritor, dá início à narrativa da história de Macabéa, migrante nordestina que agora vive no Rio de Janeiro. Rodrigo pode ser tomado como Clarice em seu disfarce. Macabea aparece para Rodrigo S.M. num relance de olhar no meio da multidão da cidade. Daí desperta certa paixão em descrevê-la. Sua atitude, um momento de paralisia diante do caos da metrópole faz emergir a figura de Macabea. Suas reflexões e sentimentos pelo que via se misturam à narrativa:

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousa clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta. (pp. 25-26)

³ Rodrigo “S. M.” e “G. H.” (*A Paixão segundo G. H.*) são a manifestação de um recurso usado com largueza nessas respectivas obras. Os problemas da cidade grande assumem uma importância secundária frente ao desejo de Rodrigo de registrar o efêmero, o que o aproxima da própria Clarice.

Cabe ao leitor apressar a sua leitura, por que a história já começou. De repente, numa rua do Rio de Janeiro, por meio de uma troca de olhares, a história daquela migrante Ihe é revelada⁴.

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos.

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser mordenoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo. (p. 22)

Macabéa fora criada por uma tia. Perdeu seus pais ainda quando criança. A educação oferecida pela tia passa por pancadas regulares em sua cabeça, dadas com os nós dos dedos.

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade Ihe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia Ihe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-Ihe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro a ser vagabunda de rua. Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só Ihe nasceria tarde porque

⁴ Embora o narrador interrompa com regularidade a narrativa da história de Macabéa para falar da própria tragédia, ele percebe – paulatinamente – que falar do outro é falar de si mesmo. Macabéa é a *mimesis* do próprio Rodrigo: simples e sem sentimentalismo.

até no capim vagabundo há desejo de sol. As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida.
(p. 36)

Alagoana. Frequentou a escola até o terceiro ano primário. Escreve mal. Contudo, concluiu seu curso de datilografia. Mudou-se com a tia para o Rio de Janeiro. Empregada como datilógrafa, não tinha outra coisa para fazer.

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (p. 23)

Podemos inferir que provavelmente Macabea tenha acompanhado a grande leva de nordestinos retirantes que fogem da seca para a região sudeste e a partir e com mais intensidade nos anos dourados do Governo Juscelino Kubitschek. Sua trajetória de vida se modifica após a morte da sua tia. A ruptura desse laço familiar lança a personagem a luta pela vida. Passa a morar num decadente espaço da cidade do Rio de Janeiro:

O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. (O que é que há? Pois estou como que ouvindo acordes de piano alegre – será isto o símbolo de que a

vida da moça iria ter um futuro esplendoroso? Estou contente com essa possibilidade e farei tudo para que esta se torne real). Rua do Acre. Mas que lugar.

Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso pois tenho horror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço da vida imunda.

Uma vez por outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida e ela se lembrava nostálgica do sertão. Onde caberia um galo a cocoricar naquelas paragens ressequidas de artigos por atacado de exportação e importação? (Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim).

Dos verões sufocantes da abafada rua do Acre ela só sentia o suor, um suor que cheirava mal. Esse suor me parece de má origem. Não sei se estava tuberculosa, acho que não. No escuro da noite um homem assobiando e passos pesados, o uivo do vira-lata abandonado. Enquanto isso – as constelações silenciosas e o espaço que é tempo que nada tem a ver com ela e conosco. Pois assim se passavam os dias. O cantar de galo na aurora sanguinolenta dava um sentido fresco à sua vida murcha. Havia de madrugada uma passarinhada buliçosa na rua do Acre: é que a vida brotava no chão, alegre por entre pedras.

(p.30-31)

É neste espaço que se circunstancia a vida-não-vida de Macabéa. Lugar de sobrado velho onde morava dividindo um quarto de pensão com mais quatro moças, “Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas”, de rememoração do Sertão ao ouvir o canto rasgado na noite de um galo, da rua quente e pesando sobre a vida das pessoas no desconforto entre o descanso e a vida do trabalho.

As moças que moravam com Macabéa eram todas balconistas das Lojas Americanas que ficava no endereço da Rua do Lavradio. Cansadas, chegam do trabalho e logo dormem. Macabéa fica ouvindo rádio relógio durante a madrugada bem baixinho para não incomodar as colegas. Segundo Rodrigo S.M.

...ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade –

para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça. Moça essa – e vejo que já estou quase na história – moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio pouco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia exausta, dormia até o nunca. (pp. 31-32)

Acordava, levantava seu corpo a postos para estorcer-se num tempo fora de si, o tempo do trabalho. A cidade era áspera para o corpo frágil de Macabéa que se dava ao luxo de dormir tomando um gole frio de café mas acordava com os custos do luxo, uma azia. Saindo da Rua do Acre, Macabéa tomava seu transporte até o trabalho localizado na Praça Mauá. Rodrigo S.M. indagava-se sobre a personagem e sua vida:

Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só. A nordestina se perdia na multidão. Na praça Mauá onde tomava o ônibus fazia frio e nenhum agasalho havia contra o vento. Ah mas existiam os navios cargueiros que lhe davam saudades quem sabe de quê. Isso só às vezes. Na verdade saía do escritório sombrio, defrontava o ar lá de fora, crepuscular, e constatava então que todos os dias à mesma hora fazia exatamente a mesma hora. Irremediavelmente era o grande relógio que funcionava no tempo.(p.40)

A personagem tem uma forte predileção por cinema. Em varias passagens da obra de Clarice Lispector, o cinema aparece na vida de Macabéa como um instante de fuga, mas ao mesmo tempo uma tentativa de encontro com a vida que tentava dar sentido.

“pintava de vermelho grosseiramente escarlata as unhas das mãos. Mas como as roia quase até o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo”.

Quando via filme de terror espantava-se com o sangue que saia das cenas, seu corpo atinava em gostar de ver sangue vermelho. Espelha-se em Marilyn Monroe. Era a imagem representativa para ela da mulher perfeita, a

superação do que não era já que propusera-se a crescer na vida. Em diálogo com a amiga Glória diz:

Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas.

_ Sabe que Marilyn era toda cor-de-rosa?

– E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema.

– Você acha mesmo?

– Tá na cara.

Num dado dia, Macabéa falta do trabalho e sai para passear. Encontra-se com Olímpico de Jesus. Metalúrgico. Igualmente nordestino, paraibano. Ele a convida para um passeio. A chama de “senhorinha”. No imaginário de Macabéa, trata-se de um namoro. Seus diálogos e sua fala precária reproduzem o pouco conhecimento adquirido nas madrugadas por meio daquele rádio. Ela deseja crescer na vida⁵. Por muitas vezes Olímpico imaginava ser deputado, pois acreditava ter o dom da palavra, tornar-se rico. Estes pensamentos ressoavam em Macabéa, que se mirava nos devaneios de Olímpico.

Em todo caso o futuro parecia via a ser muito melhor. Pelos menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente. Sempre há um melhor para o ruim. Mas não havia nela miséria humana. É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava. Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isto. E eu? De mim só se sabe o que respiro.
(p. 45)

Quando de uma visita a Macabéa em seu local de trabalho, Olímpico conhece Glória, colega da namorada. Interessado por ela, pouco tempo depois abandona Macabéa. Mas ela não sabe ao certo como isso a faria sofrer⁶.

⁵ Nas Escrituras Sagradas, os irmãos Macabeus estão associados à força e resistência. Ironia, Macabéa é solitária, humilde e reflexiva. Distancia-se das outras personagens clariceanas exatamente por sua origem social.

⁶ Olímpico de Jesus possui um olhar altivo e um senso de superioridade que, somados à precariedade de sentimentos e de expressões de afeto, acabam por distanciá-lo de Macabéa. Se Glória manifesta seu

Esqueci de dizer que no dia seguinte ao que ele lhe dera o fora ela teve uma ideia. Já que ninguém lhe dava festa, muito menos noivado, daria uma festa para si mesma. A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante. No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada. Pois em vez de batom parecia que grosso sangue lhe tivesse brotado dos lábios por um soco em plena boca, com quebra-dentes e rasga-carne (pequena explosão). (p. 66)

Mas o que em Glória havia chamado tanto a atenção de Olímpico?

Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa — é o que eu descobro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe.

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade.

Posteriormente de pesquisa em pesquisa, ele soube, que Glória tinha mãe, pai é comida quente em hora certa. Isso tornava-a de primeira qualidade Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue. Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim. (pp. 73-74)

Sentindo dores regulares, Macabéa procura um médico e descobre que tem tuberculose, mas não conta a ninguém. Glória, sentindo-se culpada por “roubar” o namorado de Macabéa, percebendo a tristeza da colega de trabalho, dá a ela algum dinheiro para que procure uma cartomante. Madame Carlota prevê um futuro brilhante e um encontro com um grande amor.

Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele arregalou os olhos.

– Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!

Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.

Madama acertou tudo sobre o seu passado, até lhe disse que ela mal conhecera pai e mãe e que fora criada por uma parente muito madrasta má.

Macabéa espantou-se com a revelação: até agora sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina.

Madama acrescentou:

– Quanto ao presente, queridinha, está horrível também. Você vai perder o emprego e já perdeu o namorado, coitada de vozezinha. Se não puder, não me pague a consulta, sou madama de recursos.

Macabéa, pouco habituada a receber de graça, recusou a dádiva mas com o coração todo grato. – E eis que (explosão) de repente aconteceu: o rosto da madama se acendeu todo iluminado:

– Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é de maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir.

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.

Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus — enquanto suportava uma trombeta vinda dos céus — Enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). E eu também estou com esperança enfim.

– E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

– Não senhora — disse Macabéa já desanimando.

– Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verde ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu exnamorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enfeitadinha, vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!

Macabéa começou (explosão) a tremilicar toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade. Só lhe ocorreu dizer:

– Mas casaco de pele não precisa no calor do Rio...

– Pois vai ter só para se enfeitar. Faz tempo não boto cartas tão boas. E sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela? E agora vou lhe dar um feitiço que você deve guardar dentro deste sutiã que quase não tem seio, coitada, bem em contacto com a pele. Você não tem busto mas vai engordar e vai ganhar corpo. Enquanto você não engordar, ponha dentro do sutiã chumaços de algodão para fingir que tem. Olha, minha queridinha, esse feitiço também sou obrigada por Jesus a lhe cobrar porque todo o dinheiro que eu recebo das cartas eu dou para um asilo de crianças, Mas se não puder, não pague, só venha e pagar quando tudo acontecer.

– Não, eu lhe pago, a senhora acertou tudo, a senhora é... Estava meio bêbada, não sabia o que pensava, parecia que lhe tinham dado um forte cascudo na cabeça de ralos cabelos, sentia-se tão desorientada como se lhe tivesse acontecido uma infidelidade.

Sobretudo estava conhecendo pela primeira vez o que os outros chamavam de paixão: estava apaixonada por Hans.

– E que é que eu faço para ter mais cabelo? – ousou perguntar porque já se sentia outra.

– Você está querendo demais. Mas está bem: lave a cabeça com sabão Aristolino, não use sabão amarelo em pedra. Esse conselho eu não cobro.

(pp. 78-80)

O futuro previsto por Madame Carlota de certa forma se confirma: tão logo sai da cartomante, Macabéa é atropelada por uma Mercedes amarela, guiada por um homem loiro. Como numa história de cinema, torna-se o centro das atenções, pela primeira e última vez em sua vida. O sangue que tanto admirava no cinema e que lhe trazia certo êxtase era a sua redenção.

II - PROCURANDO OS FIOS BENJAMINIANOS N'A HORA DA ESTRELA

Pelo exposto logo atrás, o que interessa-nos agora é percebermos em A Hora da Estrela possibilidades de análise benjaminiana dos conceitos de experiência e vivência. O filósofo da Escola de Frankfurt possui vários textos em que toma a cidade para estabelecer uma leitura da modernidade. Faz isso tendo como referencia a obra poética de Charles Baudelaire no século XIX. Dessa obra extrai várias temáticas que configuram o universo urbano como local da modernidade capitalista atingindo de frente o sujeito contemporâneo. Walter Benjamin observa o século XIX e sua história pelas lentes do poeta francês. Daí deriva as suas noções de “experiência” e “vivência”. Segundo o trabalho de Andréia Mernez (2008),

O termo vivência (erlebnis), na acepção benjaminiana, origina-se do verbo alemão erleben que significa estar ainda em vida quando um fato acontece.

Pressupõe a presença viva e o testemunho ocular a um evento. A erlebnis contém, por um lado, a provisoriedade do erleben, do viver, do estar presente e, por outro, o devir que se produz. Conjuga a fugacidade do evento e a duração do testemunho, a singularidade do ato de vida e a memória que o conserva e transmite. Erlebnis é a vivência do indivíduo isolado em sua história pessoal, apegado unicamente às exigências de sua existência prática, à sua cotidianidade, é a impressão forte que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos (KONDER, 1989, p. 72). O homem moderno vive o presente sem laços com o passado, atropelado pelo excesso de apelos que a sociedade de consumo oferece, assim como na teoria freudiana do choque que inviabiliza a impressão mnemônica e o seu conseqüente traço duradouro. Tais características estão essencialmente presentes na atual sociedade da informação, em que a velocidade induz ao esquecimento, não havendo espaço para a memória.

Já a erfahrung é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem (e viajar em alemão

significa fahren); o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo(KONDER,1989, p. 72). Significa o modo de vida que pressupõe o mesmo universo de linguagem e de práticas, associando a vida particular à vida coletiva e estabelecendo um fluxo de correspondências alimentado pela memória.

A partir desses conceitos, o autor torna efetivamente possível toda a crítica à cultura e à modernidade desenvolvida em favor da felicidade humana. A perspectiva de felicidade no futuro é o que desperta para essa crítica. Constata-se, às vezes, na análise benjaminiana dos fatos e das circunstâncias subjacentes ao desenrolar histórico da modernidade, que configuram o aniquilamento da experiência, avaliações um tanto nostálgicas, melancólicas e, em certa medida, um tanto desesperadoras. Mas, na configuração desse desespero, brilha a estrela da esperança, prometendo um futuro menos trágico do que o presente, desde que haja um resgate do passado.(p.17-18)

Cabe-nos indagar: será que Macabea teria memória? A todo tempo Rodrigo S.M. o narrador-descritor-Clarice mostra-nos uma personagem sem vida e interesse. A superficialidade do olhar do narrador encapsula a personagem alagoana retirante nesses caminhos. Por muitas vezes Macabea demonstra ter alguma ligação com uma cultura sua memória de ser e estar no mundo: são saudades do sertão num lampejo de aura quando o galo canta, são os costumes e sabedorias da tia no que diz respeito a hábitos alimentares e doenças. Possui medo de contrair doenças embora não conheço o caminho para pegar essas doenças. Há uma miríade de rastros da memória que fazem Macabea se encontrar com sua experiência passada. A questão é que como indivíduo na cidade da modernidade capitalista Macabea se vê estilhaçada e procurando lutar por um espaço de reconhecimento. Seu corpo padece na “Ágora” que não a absorve como indivíduo e nem reconecta seus fios a tradição. Na cidade não há tradição, há o sempre novo, o sempre igual. Quando admira a beleza corpórea da artista Marilyn Monroe, foge de si, se desencontra consigo, embora deseje ser como tal. O cinema de que tanto admira na verdade são os flashes de situações fantasiosas que a desprendem do seu chão, aquele da Rua do Acre, da Rua do Lavradio e da Praça Mauá, espaço de agonia.

Uma bela imagem é descrita pelo narrador quando a essa junção do corpo de Macabéa com a cidade após a sua morte por atropelamento: “Por

enquanto Macabéa não passava de um vago sentimento nos paralelepípedos sujos”. (p.67)

II – CONCLUSÃO

Clarice Lispector escreve de forma madura, embora seja uma mulher muito jovem. Sua escrita passeia longe da alienação e prenuncia a escritora especial que o tempo tratou de confirmar.

O problema da identidade e da migração são tradicionais na literatura brasileira. O contato do nordestino com a cidade grande sempre vem carregado de carga política. Isso fugiria, aparentemente, à escrita tradicional de Clarice. Aparentemente.

Perceber alguma conotação política na obra clariceana não é uma tarefa óbvia. A autora é muito sutil quando se trata de expor o contexto histórico-político-social em que suas narrativas acontecem. Outrossim, aqui, como em toda a sua obra, ela não abandona o conhecimento profundo que possui do ser humano. A interiorização da condição do oprimido e do opressor no plano das relações pessoais é colocada em detrimento da Ditadura Militar (1964-1985).

A história de Rodrigo S. M., o narrador, se mistura, como dissemos, à história de Macabéa. Ela é retirante. Ele não é bem visto pela classe média. Ainda assim, essas realidades conservam certa singularidade.

A retirante apenasmente ganha destaque na obra quando o momento da sua morte se aproxima. A hora da estrela é, assim, a hora da nossa morte. Macabéa apenas existe para os outros quando não existe mais.

A narrativa de Rodrigo é entremeada por uma preocupação com a “palavra exata”, seca, não-barroca, D - E - S - G - R - U - D - A - D - A da vida, sem floreios, como forma de representar o universo daquela nordestina. Trata-se do olhar de um narrador masculino que tenta descrever a consciência e os sentimentos de uma personagem feminina. Mas ele não dá conta da sua miséria e ignorância. Macabéa acredita ser feliz. Mesmo quando consciente de sua miséria e da tuberculose, alimentada pelas palavras da

cartomante, crê num futuro grandioso e brilhante. Macabéa é a própria inocência pisada. Uma miséria anônima. É uma sobrevivente. Não sabia que a vida também é feita de fatalidades e desencantos.

O principal e mais singular traço da contemporaneidade é a sua fluidez. No entanto, esse é o resultado de fatores que se cruzam e, por conseguinte, acabam por liquefazer e até mesmo liquidar os processos sociais e seus atores.

Primeiramente, a crença de que a existência possui um *télos*, uma perfeição ou fim último a ser atingido hoje ou amanhã. Nós, os atores sociais, em nossa individualidade e subjetividade, estamos diante de uma concepção de tempo e de tempo futuro que nos impede de uma projeção inteligível das nossas vidas. Assim, o tema da identidade torna-se central. Como construir uma identidade em meio a uma sociedade fluída e composta por redes e cenários diferentes e tão complexos? Como fugir à fragmentação do ser quando o próprio processo globalizante faz e refaz as tramas nas quais a identidade tenta se firmar? Macabéa é a representação de um dilema que não estava na tônica dos debates de algumas poucas décadas atrás.

O problema da identidade passa necessariamente pela ideia de Estado-Nação. Trata-se de uma ficção extremamente violenta, de um investimento político e simbólico que alia a “naturalidade” ao “nascimento”. Macabéa está, segundo essa lógica, deslocada do seu habitat natural. A identidade só nasce com o silenciamento dos discursos regionais e locais

A cidade as condições de trabalho não são, e tampouco foram, historicamente, o espaço ideal para construir algo como um lar. Se o local de trabalho era o espaço onde o status social se definia, nesses tempos, ele inspira pouca confiança.

O Estado penal contemporâneo se ocupa com a pedofilia, com o varrer das ruas os vagabundos, ociosos e mendigos e quaisquer outros indesejáveis, além de deter os suspeitos de terrorismo. A soberania do Estado se explicita, acima de tudo pelo direito de excluir.

O espaço público deixou de ser democrático. Ele rejeita todos aqueles que não são necessários ao funcionamento do ciclo econômico.

Macabéa é órfã social. Não existe um lar óbvio para a nossa personagem. A batalha contra a fragmentação do ser é a batalha por reconhecimento.

Esse debate abre margem para certa ambiguidade: na medida em que a identidade de um grupo ou de um indivíduo é reconhecida, a esfera pública não se fragmentaria ainda mais, democratizando-se porque mais heterogênea, passando a exigir outras perspectivas de análise, ou, pelo contrário, essa fragmentação seria indício da perda da subjetividade?

As relações interpessoais e a visão que Macabéa possui de si mesma não se apresentam como quadros sólidos em nossa análise. A construção de um conceito para “modernidade” e “memória” ainda causam divergência. O que mudaríamos em nossas próprias vidas se tivéssemos a possibilidade de revisitar o passado? Macabéa mudaria alguma coisa? Não sabemos.

Apenas sabemos que a modernidade causa certo mal estar. Estamos pouco a vontade onde estamos “ágora”.

O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições mais justas para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados.⁷

A memória e a identidade se liquefazem em meio aos processos e laços sociais. Nesse heteróclito de informações, emaranhadas e inseguras, a fragmentação e dilaceramento do ser no qual Macabéa está mergulhada é o marco desses tempos. Outrossim, estamos todos desesperados perseguindo alguma certeza, mesmo que ela nos seja dita por uma cartomante.

⁷ ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. p. 14.

III – BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Trad. De Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Traduzido por Plínio Dentzien. São Paulo: Zahar, 2000.

LERNER, Júlio. Entrevista com Clarice Lispector, televisionado originalmente na TV Cultura, filmado em fevereiro de 1977.

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. 23a . edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MERNEZ, Andréia. Concepção de experiência em Walter Benjamin. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.